

“EU PENSEI QUE O PROBLEMA DELES ERA PIOR...” UM CASO DE AUTO-AVALIAÇÃO VERSUS O DISCURSO DOCENTE

VALDINEI ISAC GONÇALVES DA SILVA, VERA MOREIRA GONÇALVES.

Resumo

Este artigo visa relatar as práticas docentes e os resultados obtidos com alunos da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro nas aulas de Língua Portuguesa e Matemática, ao aproximar o discurso dos professores ao conhecimento real dos seus alunos e de sua situação de ensino. Os dados obtidos partem de auto-avaliações dos discentes e de questionamentos feitos aos seus docentes antes, durante e depois do projeto realizado. No início do ano letivo, foi aplicada uma prova diagnóstica para saber quais conteúdos os alunos dominam ou não, ou até para traçar futuras estratégias de ação. Havia um alvoroço e falas comuns, como “eles não sabem nada” ou “temos que revisar a matéria toda?”. Após o levantamento dos dados, fomos surpreendidos com os resultados não tão desastrosos e, assim, foram ouvidas novas e admiradas falas. Então, seguindo com uma proposta mais inovadora, provocamos os alunos a se auto-avaliar e acompanhar seu processo de construção de conhecimento, enquanto criávamos instrumentos para saber como os professores diagnosticavam as turmas. Para uma eficaz pesquisa, o trabalho foi realizado paralelamente em duas escolas, uma na Zona Sul da capital do Rio de Janeiro e outra no interior de Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Tal pesquisa e prática servem, contudo, para que repensemos a situação atual da educação pública, de nossa prática docente e, principalmente, nosso olhar sobre nossos educandos e as ações antecipadas que tomamos equivocadamente, sem correta avaliação desses sujeitos da educação durante todo o processo. PALAVRAS-CHAVE: DISCURSO + EDUCAÇÃO PÚBLICA + AUTO-AVALIAÇÃO

Palavras-chave:

discurso, educação pública, auto-avaliação.

Este artigo visa relatar as práticas docentes e os resultados obtidos com alunos da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, ao aproximar o discurso dos professores ao conhecimento real dos seus alunos e de sua situação de ensino. Os dados aqui apresentados partem de autoavaliações dos discentes e de questionamentos feitos aos docentes, em pesquisas durante e depois do projeto realizado.

Ao final do ano de 2008, em ambos os colégios, foi constatado que os alunos chegavam às suas séries defasados de conhecimentos básicos e prévios de língua portuguesa e matemática, levantando, no planejamento de 2009, a necessidade de elaboração de uma prova diagnóstica para verificar até onde os seus professores tinham razão ao elaborar um planejamento de acordo com sua suposição de conhecimento da turma. Por exemplo, numa turma de nono ano, o professor elabora o planejamento de sétimo ano. Esta situação, já denunciada por

Luckesi (2008, p.81), que afirma que o processo de democratização do ensino no que tange a sua qualidade está cada vez menos democrático.

Sendo assim, foi aplicada uma prova diagnóstica para saber quais conteúdos os alunos dominavam ou não, ou até para traçar futuras estratégias de ação. Havia um alvoroço e falas comuns nos docentes, como “eles não sabem nada” ou “temos que revisar a matéria toda”. Após, fomos surpreendidos com os resultados não tão desastrosos (inclusive, os alunos também se surpreenderam com os resultados) e, assim, foram ouvidas novas admiradas falas como as de uma professora de matemática que declarou: “eu pensei que o problema deles era pior”. Devido a estes fatos que começamos a refletir sobre o comportamento dos professores de superestimarem ou subestimarem, sem critérios formais, a situação real dos alunos e por sua vez, nós educadores que aprendemos a falar escutando e assumimos o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que quem escuta diga, fale e responda, neste caso também os alunos (FREIRE, 1996).

Desta maneira, os autores deste trabalho sentiram a necessidade de se aprofundar neste contexto e sabendo que cada docente e discente que opinou antes e depois deste acontecimento é um indivíduo que se relaciona com um todo, a comunidade escolar, que atualmente tem se deparado com transformações significativas que interferem e influenciam o seu saber e agir. Por isto nos apoiamos em Morin (2002) para justificar nossa necessidade de investigar as partes e recompor o todo desta questão.

Em vista disso, seguindo com uma proposta mais desafiadora, propomos um projeto aos alunos baseado na autoavaliação, a fim de acompanharmos juntos seu processo de construção de conhecimento, enquanto criávamos instrumentos para saber como os professores diagnosticavam as turmas.

O trabalho foi realizado paralelamente em duas escolas, uma na capital do Rio de Janeiro, na comunidade da Rocinha, e Belford Roxo, no bairro Xavantes, na Baixada Fluminense. Tal pesquisa e prática servem, contudo, para que repensemos a situação atual da educação pública, de nossa prática docente e, principalmente, nosso olhar sobre nossos educandos e as ações antecipadas que tomamos equivocadamente, sem adequada avaliação desses sujeitos da educação durante todo o processo.

O presente artigo intercalará a prática realizada nestes dois bimestres de 2009 e a teoria e reflexões utilizadas nas decisões e atitudes pelos autores

tomadas, trabalho realizado em turmas regulares de ensino e em turmas de jovens e adultos (semestrais), que são uma junção de alunos de “EJA” com os alunos “repetentes” da escola, ou de outras escolas.

Autoavaliação: vivências, predisposições, emoções que interferem no aprendizado

A autoavaliação é uma prática pedagógica, independente da turma, da matéria ou do conteúdo curricular proposto. Ela está no âmago da prática que se diz ter o foco na aprendizagem, em um sujeito ativo e consciente de seu fazer educativo.

Assim, a prática pedagógica que tem como qualidade a autoavaliação traz para si o sujeito-aluno, dando a ele a voz, o poder de falar sobre si e sobre a prática de seu professor, sobre suas avaliações e atividades, sobre suas falhas e conquistas. Dá a ele oportunidade e razão para criticar, para exigir melhorias na escola, de expor suas opiniões e discordâncias às concepções dos docentes e da equipe coordenativa da unidade escolar; se pondo até no direito de exigir respostas às suas críticas expostas em seus escritos – que é uma forma de resgatar um dos usos da linguagem escrita que se perde na educação escolar pública: a de mostrar pelo aluno que não é somente pela fala que se pode lutar.

Nesse entremeio, vemos que as atuais teorias de avaliação se focam no ensino, na prática pedagógica, ou seja, no fazer docente, mas quase nunca focado no sujeito, ativamente. “Avaliar é interrogar e interrogar-se” (ESTEBAN, 2000, p.22), nesta perspectiva, nos colocamos como sujeitos que “ainda não sabemos” e consideramos que a construção do conhecimento através de uma interrogação constante, instrumento importante para docentes comprometidos com uma escola mais democrática e avaliar-se mostra mais favorável quando se torna uma prática de investigação.

Na primeira etapa deste trabalho foi aplicada uma prova diagnóstica é um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista o professor tomar decisões suficientes para que o aluno possa avançar no seu processo de aprendizagem (LUCKESI, 2008, p.81). Vale lembrar que o diagnóstico se constitui por uma sondagem, projeção e retrospectiva da situação de desenvolvimento do aluno, dando-lhe elementos para verificar o que

aprendeu e como aprendeu e na própria avaliação diagnóstica deverá estar presente inclusive a autoavaliação que proporciona ao aluno a capacidade de parar, pensar, concluir e continuar o seu próprio progresso com consciência, não sendo apenas um objeto da ação educativa que apenas assiste e recebe o resultado de sua vitória ou fracasso (SANT'ANNA, 2009, p.33).

Sendo assim, através da autoavaliação, os alunos adquirem uma capacidade cada vez maior de analisar suas próprias aptidões, atitudes, comportamentos, pontos fortes, necessidades e êxito na consecução de propósitos. Além disso, desenvolvem a responsabilidade pessoal ao apreciar a eficácia dos esforços individuais e em grupo. Mas isto só é possível se o docente propiciar estas condições ao aluno, a ajudá-lo a pensar sobre si mesmo e o que tem realizado, enfim, é preciso que o professor acredite no aluno o que veremos mais a frente na pesquisa alguns apontamentos sobre esta questão.

Aqui não apresentaremos respostas finais às questões que nós docentes constantemente nos vemos. A prática a ser proposta está muito mais baseada na exigência de autoreflexão por parte dos leitores, docentes ou não, ao pensarem ou se basearem nesta prática relatada para realizarem a própria prática.

Gêneros textuais com base na subjetividade

Durante o período letivo, o professor já pode demonstrar para os alunos que a escrita tem vários fins, e que há muitas formas para se chegar a estes fins. Segue-se uma lista de alguns dos gêneros textuais, não todos, que podem ser estudados durante o período letivo, que concentram sua estrutura na subjetividade, que sua produção e leitura podem ajudar a aumentar a autoestima e fixar (criar, recriar, construir, afirmar, desconstruir, etc.) a identidade do educando: causos; contos; crônicas; poemas; autoavaliação (pós-prova, pós-aula, de fim de curso, etc.); artigos de opinião; autobiografia; discurso (aqueles para ser oralizados, como o discurso político, por exemplo); manifestos; árvore genealógica; cartas (de amizade, de amor, de exigências, etc.); relatório; relato de experiência; relatos de

pesquisa de campo; diário; memórias... Lista que se estende e se propõe incansável, mas que não é objetivo deste texto.

Entretanto, o professor de física, ao ler esta lista, pode achar inviável ou inútil à sua prática docente. O que provamos não ser verdade com a prática aqui relatada. O ensino dos gêneros textuais é obrigação do docente de língua portuguesa e literaturas, mas seu ensino, uso e cobrança são e podem ser feitos em todas as áreas – mesmo que seu objetivo não seja especificamente a subjetividade e a autoestima: é possível também se fixar no pensamento reflexivo e questionador do educando.

Por exemplo, o diferencial no uso de verbetes, ou quaisquer outros dos gêneros, numa perspectiva autoavaliativa não é somente o momento de avaliação em si, onde o aluno “quebra a cabeça” para demonstrar o que sabe, mas sim no momento após a avaliação, no qual o professor tem a oportunidade chave de intervir junto ao aluno sobre o que ele ainda não sabe (principalmente na chance de fazê-lo pensar no conceito das palavras que ele mesmo usa). O aluno, ao ver a correção de seu texto ou prova ou mesmo durante a leitura destes, passa sempre por um momento de reflexão sobre sua própria escrita, sobre o que estudou e sobre o que disse ou tentou dizer.

Sugestões de atividades autoavaliativas

A escrita é uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento da cognição e para fomentar o aprendizado de qualquer matéria (PORREL & BAIRRAL, 2006, p.101). O desenvolvimento de uma escrita argumentativa deve ser um dos objetivos dos docentes na escrita dos educandos. Além disso, tal exercício intelectual traz o aluno para o centro das discussões que, normalmente, só fica entre seus docentes. Fará o educando pensar a todo o momento sobre seu papel na escola, o que à primeira vista, parece óbvio aos docentes.

As variadas estratégias de escrita e de registro estão disponíveis para serem usadas como instrumentos de avaliação do aluno, da própria prática docente e do ambiente que envolve educando e educador.

Para esse fim, segue-se a exposição aqui de algumas sugestões de atividades da prática autoavaliativa, que têm por base a autoreflexão e o sujeito, que podem ser realizadas nas aulas de qualquer matéria, dependendo do objetivo do professor: *CrônicaVerbete* – explicar ou definir em suas palavras um ponto da matéria ou termo técnico específico estudado (este pode até fazer parte das provas finais de bimestre); *Histórico* – no início das aulas, entregarem uma folha com o que será dado em cada aula, que matérias, dando um título para cada aula baseando-se em seu objetivo principal. Gradativamente ou ao término do bimestre, o professor pedirá um breve relato das aulas que assistiram, ou seja, do que aprenderam; *Diário* – como o próprio nome diz, para ser feito após toda a aula ou uma dada tarefa ou matéria, sem ou com a supervisão do professor – texto parecido com o anterior, mas que tem maior foco na subjetividade, e o aluno, por ser um gênero textual livre e pessoal, que decidirá o que pôr. Normalmente, o professor entrega ao aluno uma lista de regras de como se fazer suas anotações; *Memórias* – texto no qual se conta apenas o que se lembra, ou seja, o que me marcou, o que foi significativo para mim; – pequeno texto que o aluno conta a aula que acaba de se passar, ou outra atividade passada;

Estes são alguns exemplos de atividades que tem como foco a autoavaliação. Porrel & Bairral (*idem, ibidem*) ainda citam outros: o que eles chamam de *escrita livre, diário de bordo*, no qual um aluno pode ser escolhido para registrar a aula, pesquisa ou atividade. O educando registra sua visão dos acontecimentos e descobertas em um texto que ele sabe que é de domínio público; *relatórios; portfólios*, união de atividades, provas, textos, reportagens, fotos e tudo mais que professor e aluno decidam importante constar, para que eles vejam seu avanço, e *processofólios; discursos nos meios eletrônicos; questionários e formulários autoavaliativos; fóruns, chats, etc.* escrever por dez minutos sem parar ou rasurar ou editar. Não se para p'ra nada, nem para saber como se escreve uma palavra;

Vale lembrar que, antes da escrita propriamente dita, é sempre bom verificar se os alunos já conhecem tal gênero. Se não, é bom que trabalhemos o gênero em questão primeiro, para, após, exigir sua produção escrita ou oral.

Também é essencial lembrar que, para que tal prática autoavaliativa surta mais efeito, é preciso que faça parte do discurso do professor em sala de aula e de sua grade curricular os assuntos e discussões referentes à educação atual, a cidadania, a ética nas escolas, o papel do aluno e do professor e o constante

repensar sobre situação presente do meu bairro, da minha cidade, do meu país. É o fazer político fazendo parte da educação, com mais vigor e sentido na vida de um: do educando.

Autoavaliação do desempenho pós-prova

Dos gêneros textuais citados, o de mais dificuldade pelo esforço individual foram os verbetes, porém aqui somente falaremos das próprias autoavaliações, foco deste trabalho. Na aula de língua portuguesa, nas turmas regulares, a autoavaliação não foi um gênero textual tão difícil; fizeram bem e escreveram sem muitas dificuldades. Os únicos entraves impostos a eles foram à quantidade de linhas (pois não tinham o costume de escrever mais de algumas linhas de texto), no tempo (normalmente, dispunham apenas de um tempo de aula, 45 minutos) em sua disposição para escrever (como, mais a frente vocês verão na fala de um dos professores entrevistados, “o maior problema deles é a preguiça”).

As imperfeições encontradas em seus textos não dizem respeito às estruturas textuais do mesmo, mas sim da própria escrita dos alunos – o que nos serve muito, pois nos poupa de criar, a cada avaliação da escrita, uma atividade diferente. Os alunos aprenderam a fazer autoavaliações, e com elas podíamos avaliar sua escrita com mais certeza. Contrário a isso é a realização de outros tipos de autoavaliação, pois aí sim teremos que nos ater primeiro no ensino do gênero textual proposto, com leitura e análise, para, somente após, partirmos para a escrita efetiva.

Por outro lado, as turmas de jovens e adultos da Baixada tiveram dificuldades bem maiores na produção das autoavaliações do que as turmas regulares, completamente o contrário dos trabalhadores noturnos do EJA da Rocinha. Quem escrevia empacava nas primeiras linhas. Fato interessante foi de uma aluna, de uns trinta e cinco anos, com a mão na cabeça, balançando-a em sinal de negativo. Porém, os alunos, apesar de desgostar da idéia de escrever, se empolgavam a escrever sobre suas dificuldades (ver ANEXO 1 e 2). Agiram assim os alunos adultos, mas aos “bagunceiros” suas escritas foram intrigantes.

Duas falas, duas concepções: a pesquisa com discentes e docentes

Na pesquisa com os docentes, elaboramos um questionário no final do 2º bimestre, com perguntas que nos permitiriam analisar as falas destes, sistematizando o que pensam a respeito de seu trabalho, de seus alunos, frustrações, conquistas e avaliação. Os discursos docentes também proporcionariam levantar posições, confirmar ou não hipóteses, permitindo supor até que ponto os docentes estão ou não preparados a refletirem sobre suas práticas em sala de aula, sua disposição para aceitar críticas, em função de suas escolhas no planejamento e na avaliação em si.

No decorrer da pesquisa, houve a preocupação de elaborar questões que levasse ao aluno a importância para a necessidade de ser responsável, ter interesse, compreensão, maturidade e ter consciência e reconhecer suas dificuldades, erros e acertos, além de trocar informações com o professor e colegas, para que em conjunto, consigam avaliar a sua aprendizagem. Ou seja, um diálogo reflexivo, de ajuda e de compreensão, onde o conteúdo desse diálogo demonstra os resultados, caminhos percorridos dificuldades e tomadas de decisões entre os sujeitos envolvidos (GRILLO, 2000, p.59-68).

No geral, todas as turmas gostaram de responder o questionário autoavaliativo após as provas por motivos diversos. Apenas alguns alunos acharam o trabalho tedioso, mas era pelo fato de ser escrito. Na própria fala de um, "seria bem melhor se fosse oral, professor". Fizemos nesta vez apenas perguntas e respostas, sem múltiplas escolhas, porque queríamos ver também outras questões, como a disposição escrever de cada um, bem como o andar de sua escrita.

É bom ressaltar que os alunos, quando viram várias perguntas de um questionário no quadro, já começavam a reclamar, ficavam sérios e até desanimados. O professor pedia para que lessem as perguntas primeiramente, antes de julgar que não sabem fazer. Após lerem as primeiras perguntas, já se acalmavam, dizendo "Ah, isso eu sei fazer". Começavam a responder e se empolgavam a medida começavam a pensar em coisas que normalmente os professores não os perguntam. Tanto que, em uma das turmas, o último aluno a responder, aluno repetente e bagunceiro, que demorou bastante para responder e entregar, assim que acabou, disse para o professor, quando este lhe perguntou se poderia apagar o quadro: "Não professor, não apaga não! Deixa aí para os outros verem também... É, o pessoal das outras turmas... É interessante isso aí" (Diemerson, aluno de turma regular, que foi citado várias vezes como quem

atrapalha os estudos dos seus colegas, ver no Arquivo ANEXO 5). Parece-nos que aqueles alunos que normalmente é apontado como “bagunceiro, sem interesse nos estudos”, na prática autoavaliativa foi os que trouxeram grandes reflexões sobre a situação da educação em suas escolas, assim como os “inteligentes”.

Na pesquisa com os docentes, participaram metade do efetivo das turmas, em suas variadas disciplinas. A pesquisa foi realizada no intuito de fazer o docente refletir sobre as questões que permeiam sua prática, principalmente as que envolvem sua relação com o aluno. A outra parte dos professores que não participaram o motivo foi o mesmo: falta de tempo e desgaste do próprio trabalho. Os resultados apresentados são apenas brutos, podendo o leitor vê-los no ANEXO 6.

A maior parte dos docentes diz já ter feito autoavaliações, mas poucos com os objetivos aqui apresentados. Poucos souberam dizer por que usaram e muitos disseram que foi uma decepção. Já os alunos... gostaram muito de participar, com frases como “assim tá muito bom” ou “eu até melhorei na minha escrita”, “a que você faz (autoavaliação): porque assim você fica sabendo das nossas dificuldades”.

Nos dois colégios, o maior problema apresentado para as turmas foi a falta de interesse dos alunos. Já os alunos acham que é a falta de interesse dos professores e de aulas mais interessantes, além da própria falta de docentes.

Em suma, o resultado da pesquisa mostrou que tal prática autoavaliativa é de muita importância na aprendizagem do educando, e que ainda temos docentes pensando e mostrando conceitos muito distintos do que seus discentes apresentam. Outras pesquisas serão feitas, mas convida-se a todos os professores e escolas a pôr em xeque a fala de seus envolvidos, para que um melhor exercer da prática se ponha em prática, pois: “Tudo na vida é avaliado, consciente ou inconscientemente: o perigo está em que os parâmetros sejam estabelecidos por terceiros, e não pelo próprio interessado.” (SANT’ANNA, 2009, p. 17).

Bibliografia

ESTEBAN, Maria Teresa. A avaliação no cotidiano escolar. _____. Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRILLO, Marlene. *Construção da avaliação: estratégias metacognitivas*. In: Enricone Délcia (Org.). *Avaliação: uma discussão em aberto*. Porto Alegre: Edipucrs; 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez, 2008.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2002, pág. 37.

POWELL, Arthur; BAIRRAL, Marcelo. *A escrita e o pensamento matemático: Interações e potencialidades*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

SANT'ANNA, Ilza Martins. *Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Nome: Dine Pires de Souza turma: 1008 nº 3
 prof(a): Vera - matemática



Avaliação x sentimentos

Em algumas situações da vida nós sempre seremos avaliados, na escola, no mercado de trabalho, enfim, não é fácil, mas temos que encarar.

Jo ser avaliada fico um pouco tensa sinto até um pouco de medo, mas vou tentando relaxar para não me sair muito mal, beber um pouco de água sempre ajuda.

Na avaliação de matemática a questão mais fácil que achei foi a nº 1 por que era só somar e subtrair que são contas fáceis de fazer e a questão difícil que eu achei foi a nº 7 por que não consegui multiplicar, tive dificuldades de usar os 3 algoritmos e ainda com virgula, mas consegui resolver a questão usando três operações: somar, dividir e multiplicar.

Também tive dificuldade na questão nº 3, pois sei fazer a conta de cabeça, não lembro mais como armar uma conta de porcentagem. Errei a questão 9, mas não foi por que não sei fazer e sim por falta de atenção.

Meu rendimento não foi ruim, mas poderia ser melhor por que sei que as questões que errei foi por pura falta de atenção.



Sinceridade

Bem, minha avaliação de matemática do 1º Bimestre, foi uma surpresa para mim, pois eu não esperava tirar nota boa e consegui tirar um sete, fiquei muito feliz com isso. Espero melhorar mais e conseguir tirar uma nota melhor ainda no próximo Bimestre. É uma pena que em outras matérias não fui tão bem como em matemática, pois tirei nota baixa como em física, biologia e português, ou seja minha melhor nota foi de matemática.

Tenho ainda muitas dificuldades para aprender a matemática e entendê-la, mas pretendo me esforçar mais, pois dificuldades tenho nas outras matérias também.

Fiquei muito nervosa na hora da prova, pois aquele professor é muito bonito e achei que não ia conseguir fazer a prova dentro do horário, mas deu tudo certo, graças a Deus.

A prova de matemática bimestral foi muito legal apesar do nervoso, mas eu gostei. A prova de matemática diagnóstica também gostei muito, pois quando a gente estuda, a gente pensa e isso é muito importante, é sendo que nós falamos melhor, escrevemos melhor e nos expressamos melhor. Nada mais para o momento.

Maria Bezerra de Araújo Ne 21

fazer em folhe separada
Expliquem, definam

Verbo:

É o verbo que indica os verbos, com as
ocasiões, presentes, passado e futuro

São aqueles que usamos, no momento de
falar, se pronunciamos.

desinência verbal:

É a parte da palavra que sobra como
por exemplo levantarei ei com quase
claro-x desinência,

Tempo Verbal

É aquela palavra que falamos, no presente
passado e futuro,

por ex. levantarei, ele é o tempo que
verbos sendo que é uma parte final
da palavra

Trabalho de matemática: Prof: Vera. ^{09/04/09}

NOME: Marcia dos Santos Souto N: 20 TUR 1009

1) Complete a resposta:

1) A escola é lugar de? Estudar e aprender e ajudar a forma cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

2) O professor hoje em dia? Está muito desmotivado, passa a matéria e nem se empertam, se o aluno aprendeu ou não.

3) Quando você em casa, quais as boas e más memórias da escola? Quando eu estou em casa, eu nem lembro da escola com, tanta coisa para fazer, eu pensar.

4) Você se preocupa com seus estudos? Claro que sim, se não eu não estaria estudando.

5) O que falta na escola para você estudar melhor? Professores, essa falta de professor prejudica e nos desmotiva, a falta de interesse deles, aulas de Computação. Aulas mais interessantes.

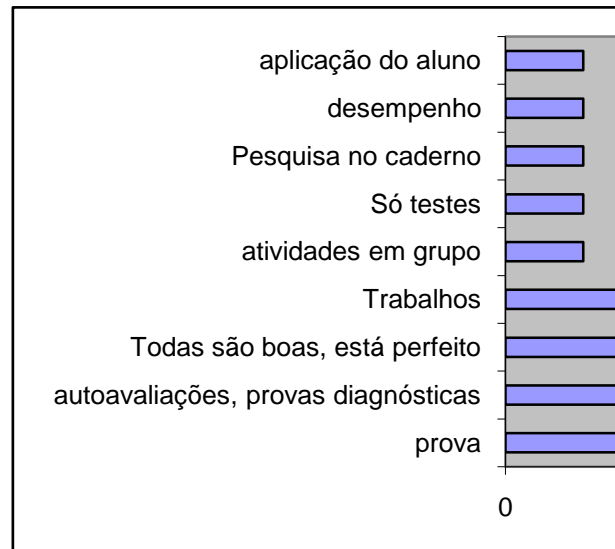
6) Como foi a última avaliação de matemática? Porque? A avaliação de matemática minha foi pessima. Porque eu além de ser chamada atenção terei nota baixa.

7) Você se sente desmotivado para estudar? Sim, Porque as vezes as aulas são muito desinteressantes e o professor não faz nada para muda isso.

8) A que você faz: Porque assim você fica sabendo das nossas dificuldades.

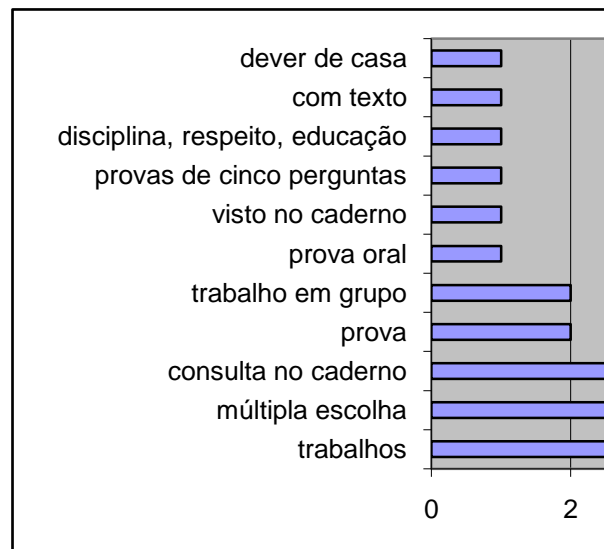
Qual a melhor forma de avaliação?

CIEP	303
prova	6
autoavaliações, provas diagnósticas	5
Todas são boas, está perfeito	5
Trabalhos	5
atividades em grupo	1
Só testes	1
Pesquisa no caderno	1
desempenho	1
aplicação do aluno	1
comportamento	1
explicação da prova	3
notas boas	1
mais atenção na aula	1
com mais tempo	1

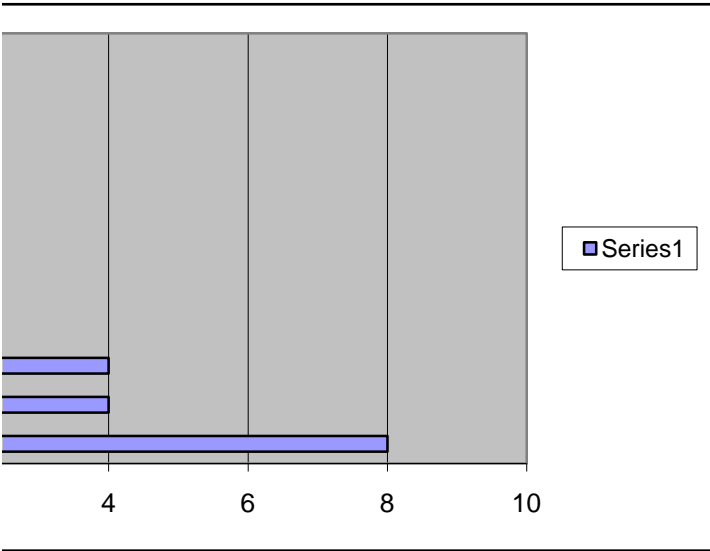
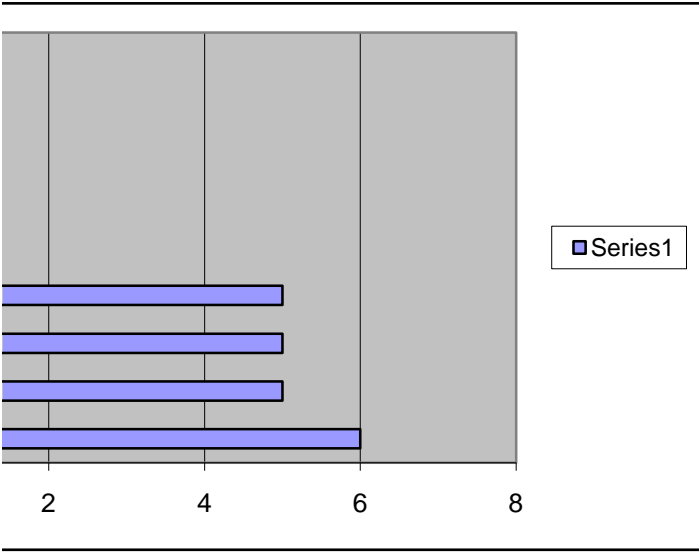


entrevistados 33

CIEP	210
trabalhos	8
múltipla escolha	4
consulta no caderno	4
prova	2
trabalho em grupo	2
prova oral	1
visto no caderno	1
provas de cinco perguntas	1
disciplina, respeito, educação	1
com texto	1
dever de casa	1
com revisão para a prova	1
quando eu entendo a matéria	2
com silêncio	1
com nota	4



|Entrevistados 34



Perguntas aos professores

Aqui constam os resultados das pesquisas feitas com os professores nas duas escolas.
Como as respostas são subjetivas, preferimos pô-las na íntegra, ao invés de somente os dados brutos

Estas questões são de fim de bimestre e nos serviu para definir o que os conceitos dos docentes são divergentes dos seus discentes, para que, através dos resultados aqui obtidos, levantemos metas concretas de mudança interior na comunidade escolar.

Crisal pascia

As palavras vão e vêm
como dis a palma Toda
palavra deixará no
papel e sempre flutuar
lá no céu

Escrever

Escrever é uma coisa
muito interessante porque
faz parte da massa aliada
sem a escrita eu não sei
o que nós seríamos hoje.

— X —
Escrever é arte pensar
faz parte toda passa
tudo em silêncio mais
a escrita não é nunca
esquece.

— X —
Escrever não é querer
é querer não é escrever
do jeito que eu escrevo
ninguém pode escrever.